

de Rubem Braga

ILUSTRAÇÃO DE MARIA TERESA

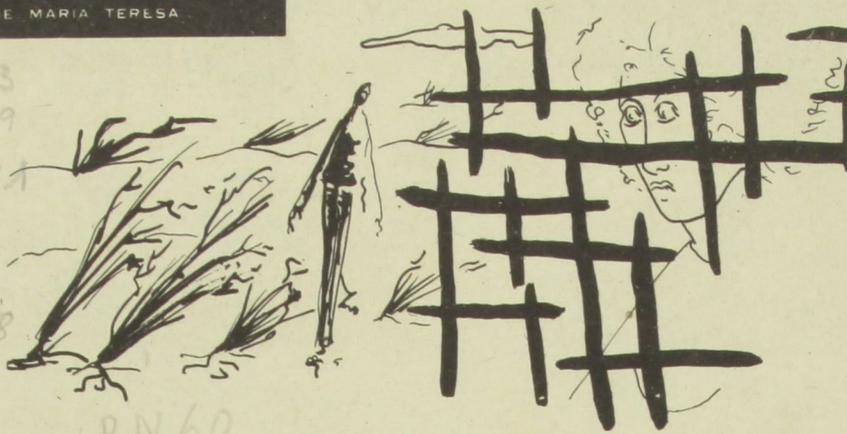
NOITE

Sinto que no bojo da tarde tensa e morna uma decisão foi tomada. Tudo conspira em silêncio: as árvores imóveis sob a pressão, o mar, as nuvens. Uma ave desce num mergulho oblíquo e antes de recuperar altura dá um grasnido agudo, como ferida. Um vento se ergue; é bêbado ou louco esse vento, que sopra sem direção, cambaleia no ar, cessa, bufa. Mas vem num crescendo: arrasta folhas rascantes, ergue poeira em remoinhos, açoita, com areia da praia, o tronco das árvores trêmulas. E de súbito redobra em fúria, bate as portas, quebra vidros...

Que venha! Não abandonarei meu pósto na varanda: já disse, sou um duro pastor, estou solidário com tudo — vem, vento, sobre o meu peito nu.

Avança, seja quem for, alucinado aquilão ou austral demente; ronda o mar e a terra, como invisível cainçalha hidrófoba, em ladrilos loucos, partindo galhos e mordepo espumas, fazendo subir nuvens de pó pelo dorso dos montes duros; vem, invade esta casa — e tu, nuvem negra, despeja os raios de que estás prenha, fuzila no ar escuro, e ronca e estronda!

Tudo, a um tempo, é pânico e libertação, as árvores zunem, os grandes pinheiros chicoteiam o ar, o mar avança. Estou na varanda; que batam janelas,



voem coisas, tudo se parta, quero viver em pleno a esta revolta. Que os raios queimem esta casa, que importa? tenho uns livros, quadros, tudo é papel, pano, madeira, nada que fulmine meu peito, lasque e torre meu corpo, que há nêle? Já vivi; quase 15 mil vêzes se ergueu e se pôs o sol, e as estrêlas giraram sobre esta cabeça, e a vida rodou com dores e sustos e remorsos gozos — e me movi na água, na terra, no ar, que mais tenho a ganhar, que mais posso perder?

As primeiras bategadas me dão tapas, logo despenca a chuva grossa, com uma fúria animal, estrala nas lages e telhas, faz brilhar as árvores agitadas no ar negro, corre pelos meus cabelos, pelo corpo, gorgoreja nas calhas e empapa as paredes, inunda o chão.

Lá dentro o telefone toca. Vou atender, alguém me diz alguma coisa banal que me parece absurda; só devíamos gritar uns para os outros, como primitivos: Chuva, chuva!

E então me enxugo, fecho as vidraças, apanho coisas no chão, arrumo uns papéis, restauro a ordem formal, mas não acendo a luz, e deixo uma porta aberta. Quero ficar assim, quieto, olhando a chuva, e a noite que desceu com a chuva, como a vingança e o perdão.

GENTE DA CIDADE



Jean Manzon
fotografo

Nunca foi primeiro prêmio de comportamento o menino Jean, nascido em 1915, em Saint-Germain-des-Prés; de vez em quando um diretor de colégio sugeria ao sr. Manzon pai (um químico) a conveniência de matricular o rapaz alhures; quando tirou o seu "bachot" tinha passado por 8 escolas. Tentou então estudar agronomia e depois arquitetura, mas fracassou. Indisciplinado e briguento, sem nenhuma vocação aparente fez o que faz todo mundo que não sabe o que fazer: entrou para um jornal.

A família de sua mãe era toda de jornalista, e Jean ficou como aprendiz em "L'Intransigeant" a redigir notinhas; vendo que a carreira de fotógrafo era mais rápida, lançou-se a ela, e durante três anos foi aprendiz, trabalhando na rua e no laboratório. Em 1937 foi para a revista "Vu", onde rapidamente fez

nome. Quando o grupo de "Paris Soir" comprou e reformou a revista "Match", que passou a tirar 2 milhões de exemplares, Manzon foi chamado. A energia que ele gastava em brigas de botequim e jogos de "rugby" (foi campeão, disputando duas vêzes partidas internacionais) aplicou na reportagem. Aos 22 anos tornou-se conhecidíssimo pela sua ousadia e capacidade profissional, fazendo verdadeiras proezas. Por exemplo: fotografou uma execução na guilhotina, tendo para isso de viver três dias nos altos de um café em Versalhes; essa reportagem fez com que fosse aprovada uma lei punindo qualquer outro fotógrafo que fizesse o mesmo. Quando o duque de Windsor abdicou e foi com sua senhora para um castelo em Tours, havia 300 repórteres querendo entrar e 5.000 policiais guardando o castelo. Manzon conseguiu entrar (andou quilômetros e rastejou centenas de metros) fotografou o casal no parque, saiu, entregou o trabalho, voltou, foi preso na sala de jantar do castelo pelo único policial inglês que havia entre os 5.000 franceses. O duque iniciou contra ele um processo por violação de domicílio, mas depois desistiu.

Fotografou pela primeira vez a linha Siegfried, foi preso pelos nazistas em Dantzig (mas fugiu) e depois a bordo de um "navio suicida" de refugiados do hitlerismo, onde conseguiu entrar fazendo-se passar por delegado da S.D.N. Foi o único a fotografar o famoso e espetacular salto de Nijinski, gordo e calvo, louco há mais de 20 anos, excitado por Serge Lifar que dançara 3 horas seguidas em sua frente.

Tôda reportagem considerada impossível era dada a Manzon, que ficou sendo o homem de jornal mais bem pago da França, e de um jeito ou outro ele sempre trazia o assunto. Viajou por tôda a Europa, fez instantâneos sensacionais de Hitler, Mussolini, Selassie, fez o coroamento de Jorge VI e (sôzinho) o salvamento de um submarino inglês em alto mar.

Na guerra foi para a Marinha, onde acabou por dirigir o serviço cinematográfico, realizando 18 missões oficialmente consideradas perigosas e tendo duas citações. Quando os alemães bombardearam e incendiaram a cidade norueguesa de Namsos, antes de ocupá-la, havia apenas um homem na cidade: era Manzon, na torre da igreja, filmando. Momentos depois que ele saiu e se refugiou na floresta, a igreja também era

atingida. Filmou a retirada de Dunquerque e depois a de Brest, e quando a França foi invadida foi para Londres. Quis alistar-se no exército de De Gaulle mas este declarou que não precisava de cinegrafistas; Alberto Cavalcanti convenceu então Jean Manzon (e o escritor Daninos) a vir para o Brasil, com emprêgo no Dip, em janeiro de 1941. Ali ficou 3 anos e depois passou para os "Associados" onde ficou 10 e se tornou famoso pelas suas reportagens sobre Xavantes, Barreto Pinto em cuecas, Valadares dormindo, etc. Viajou numerosas vêzes pelos Estados Unidos, Europa, Ásia e África, andou por todo o Brasil.

Ousado, astucioso, "entrão", perdendo, em serviço, qualquer noção de perigo e com um golpe de vista fabuloso para tornar vibrante o assunto mais chato, tem ainda por cima um terrível poder psicológico sobre suas "vítimas", persuadindo-as facilmente a tomar as posições mais estranhas. Sua irreverência criou-lhe vários inimigos; ele mesmo hoje se arrepende um pouco de algumas de suas proezas em que carregou no "humour". Casou-se em 1944 com uma chilena que lhe deu há meses o primeiro filho, Jean Pierre.

Jean Manzon ainda hoje é correspondente no Brasil de "Paris Match" e de todos os grandes jornais cinematográficos americanos e europeus, mas se dedica principalmente à "Jean Manzon Films S.A.", fazendo documentários curtos e excelentes. Embora cobre cerca de 450 contos por um filme de dez minutos não lhe faltam clientes, pois em 10 minutos ele conta qualquer história da maneira mais fortemente sugestiva. Entre sócios e empregados tem uma excelente equipe, da qual fazem parte, por exemplo, René Persin, um dos melhores "camera-men" da França, a voz de Luís Jatobá, legendas de Paulo Mendes Campos, às vêzes Millor Fernandes; seu diretor de produção é Fred Chateaubriand. Já fez 53 filmes. Publicou três livros de fotografias do Brasil; um aqui, com texto de Origenes Lessa, dois na França, com Blaise Cendrars e Maurois. E' considerado um grande ator para imitações e números cômicos e inventa poemas de Prévert com a maior facilidade. Vai todo ano à França, mas se considera radicado no Brasil, onde o que mais aprecia "é uma certa margem humana de tolerância nas relações que perturba a rigidez dos horários e dos esquemas porém faz a vida mais suave."

A POESIA É NECESSÁRIA

Interrogação

CAMILO PESSANHA

*Não sei se isto é amor. Procuo o teu olhar,
Se alguma dor me fêre, em busca de um abrigo;
E apesar disso, crê! nunca pensei num lar
Onde fôsse feliz, e eu feliz contigo.*

*Por ti nunca chorei nenhum ideal desfeito.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.
Nem depois de acordar te procurei no leito
Como a espôsa sensual do "Cântico dos cânticos".*

*Se é amar-te não sei. Não sei se te idealizo
A tua côr sadia, o teu sorriso terno...
Mas sinto-me sorrir de ver êsse sorriso
Que me penetra bem, como êste sol de inverno.*

*Passo contigo a tarde e sempre sem receio
Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.
Eu não demoro o olhar na curva do teu seio
Nem me lembrei jamais de te beijar na boca.*

*Eu não sei se é amor. Será talvez comêço...
Eu não sei que mudança a minha alma pressente...
Amor não sei se é, mas sei que te estremeço,
Que adoecia talvez de te saber doente.*

NOTA — Nascido em 7 de setembro de 1867, em Portugal e morto em 1926, em Macau, onde era Conservador do Registro Predial, Camilo Pessanha deixou apenas um pequeno livro de versos, "Clépsidra", que exerceu uma grande influência na moderna literatura portuguesa.